

A SÚPLICA E O ARGUMENTO DE MÃE **Reflexão sobre Mc 7,24-30 e Jo 2,1-11**

Silvia Togneri

Introdução

As comunidades de Marcos e do Discípulo Amado apresentam os relatos a respeito dos pedidos que duas mães fizeram a Jesus. Quando comparados podemos perceber uma semelhança na situação, na reação de Jesus e na atitude de resposta das mães. Elas, Maria, a mãe de Jesus e a mulher siro-fenícia são impulsionadas pelo Espírito a perceberem que só Jesus poderia modificar a situação em que se encontram. Por isso, vão até ele e, com insistência, pedem a sua intervenção.

A mulher siro-fenícia, segundo Mc 7,24-30, ouve falar que Jesus estava naquela região. Ela acredita que ele tem o poder de libertar sua filha do demônio que a atormentava. Esta compreensão e fé se devem ao Espírito, pois o Senhor prometera: “Ele será derramado sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão” (cf. At 2,17 e Jl 2,28). A comunidade do Discípulo Amado nos esclarece a função do Espírito: “O Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26). Esse Espírito é que revela à mulher quem é Jesus e qual o seu poder. É ele que a impulsiona e a move para ir até onde Jesus se encontra, pois, segundo o relato de Marcos, o próprio Jesus não queria que soubessem da sua presença naquela região de Tiro.

Na festa de um casamento em Caná da Galileia a presença de Jesus, de sua mãe e de seus discípulos é pública. Eles foram convidados. Porém, segundo o relato da Comunidade Joanina, não se conhece ainda o poder de Jesus. Somente sua mãe compreende o que seu Filho pode realizar, pois, pela ação do Espírito, o anjo lhe anuncia: “Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo” (Lc 1,31-32).

Os pedidos sob a ação do Espírito

Cheia de coragem, a mulher siro-fenícia entra na casa onde Jesus estava e em atitude de humildade, reverência e súplica, atira-se aos pés dele. Ela pedia (*erota*) insistentemente que expelisse o demônio que atormentava sua filha. Ela clama por uma nova vida para a sua filha.

No texto da comunidade do Discípulo Amado, em que Maria, a mãe de Jesus, na festa de casamento em Caná, da Galileia, constata que não há mais vinho, ela também clama a Jesus dizendo: “Eles não têm vinho!” (Jo 2,3). Maria, a mãe de Jesus, pede-lhe que intervenha para transformar a situação em que aquela família, aquela comunidade estava vivendo.

A reação e resposta de Jesus ao pedido recebido

A resposta de Jesus à mulher siro-fenícia a princípio nos intriga, pois ele lhe diz: “Deixa primeiro que os filhos se saciem; pois não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7,27).

No casamento em Caná, a reação de Jesus ao pedido de sua mãe, quando ele lhe diz: “Mulher para que me dizes isso? A minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4), assemelha-se à resposta dada à mulher siro-fenícia. Pode-se deduzir que, aparentemente, há uma condição para que Jesus manifeste o seu poder, embora ele não coloque diretamente um impedimento para sua atuação.

O argumento e reação das mulheres à resposta de Jesus

A mulher siro-fenícia, sob a inspiração do Espírito da Verdade, responde com firmeza a Jesus: “Senhor, também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem as migalhas que os filhos deixam cair” (Mc 7,28). Esta resposta faz com que a vontade de Deus seja entendida por Jesus e, posteriormente, pelas comunidades cristãs: a ação de Deus já não é mais destinada como primazia para os que se consideram como filhos, mas que todas as pessoas, igualmente, são convidadas e dignas de partilhar do mesmo pão e das mesmas graças de Deus, sentando-se juntas na mesma mesa.

O modo como a siro-fenícia se apresenta a Jesus, seus pedidos e a sua reação, demonstram que é a imagem de quem sofre o desamparo, fruto das discriminações da época: por ser mulher, estrangeira e por ter uma filha atormentada por demônios. No seu argumento ela diz a Jesus que muitas vezes os filhos não sabem dar valor ao pão que lhes é oferecido e que o desperdiçam; as migalhas, porém, as pequeninas porções desperdiçadas, podem transformar-se em banquete para as pessoas excluídas, famintas do pão e da graça de Deus. Para elas, as migalhas são muito bem aproveitadas. Não há razão, portanto, de não serem convidadas a participar da mesma mesa da fraternidade e da graça salvadora que Jesus veio garantir para todos, sem exclusão.

O relato do encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia revela a situação social na época de Jesus e das primeiras comunidades. Percebe-se que a sociedade está estruturada de forma hierárquica. No contexto cultural judaico tinham prioridade os que se consideravam os filhos de Israel, herdeiros da promessa, da bênção e da atenção de Deus. Deste modo, quem não pertencia a este povo, apenas secundariamente tinha o direito à graça divina.

É o Espírito da Verdade que faz a mulher siro-fenícia compreender que esta situação de discriminação, não é a vontade de Deus, pois os filhos de Israel também assim foram tratados, quando no Egito estavam sendo excluídos e oprimidos. Em sua argumentação em favor da recuperação de sua filha, resgata o direito de todos os seres humanos serem tratados como filhos e filhas de Deus. Todos foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27) e, segundo Paulo, em Cristo todos são um (Gl 3,28). Portanto, todas as pessoas são dignas de participar da mesma mesa. A sua insistência revela não apenas um pedido particular em favor da filha, mas expressa a luta das mulheres excluídas em favor de todas as pessoas discriminadas.

As mulheres convencem a Jesus

Jesus reconhece que as palavras que a siro-fenícia lhe dirige são revelação do Pai, pois segundo ele mesmo “é o Pai que revela as coisas não aos sábios, mas aos pequeninos” (cf. Mt 11,25), e que também “é o Espírito da Verdade que está e permanece junto com eles” (cf. Jo 14,17). É este mesmo Espírito que faz com que aquela mulher reconheça a Jesus como o *Kyriós*, o Senhor; diante dele mantém a humildade, mas também revela a firmeza e a convicção de quem sabe o que quer. A sua palavra inspirada inaugura um novo tempo em que se torna realidade a inclusão para a vida digna de todas as mulheres e homens.

É a palavra da mulher que leva Jesus a atendê-la. Ele reconhece que sua argumentação é justa e que a filha merecia ser libertada do demônio que a atormentava. E ele lhe diz: “Por causa desta palavra vai, saiu o demônio de tua filha” (Mc 7,29). Ela acredita e vai imediatamente de volta para a sua casa. Vai confiante de que não apenas sua filha está curada, mas que a exclusão aos considerados “não filhos e filhas” já não mais existe. Foi a força da palavra da mulher, inspirada pelo Espírito da Verdade, que a levou a denunciar, pedir, argumentar e convencer Jesus para que a situação de doença e exclusão fosse superada.

Em Caná, de modo semelhante, Maria, a mãe de Jesus, é inspirada pelo Espírito a compreender que só Jesus poderia modificar a situação da falta de vinho na festa, e ela diz com firmeza e convicção aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). A insistência no seu pedido e a segurança como fala aos serventes motiva Jesus a agir. O argumento da sua mãe mostra a Jesus que existem pessoas necessitadas que acreditam na transformação de sua situação e, para isso, estão dispostas a fazer tudo o que ele disser (Jo 2,5). Ele então pede aos serventes para encherem com água seis talhas de pedra que ali se encontravam cada uma com capacidade para quase cem litros (cf. Jo 2,8). E os serventes enchem as talhas até à boca, fazem um serviço completo e não de “meia medida”.

O efeito da ação de Jesus

A mulher siro-fenícia, ao voltar para a sua casa, encontra sua filha liberta do demônio, jogada sobre a cama (Mc 7,30). A situação de dominação pela força do mal e pela exclusão extenua, tira toda a energia de quem quer resistir; mesmo libertada aquela jovem ainda não consegue ficar de pé por si mesma. Precisa da sua mãe, da ajuda solidária para poder recuperar-se verdadeiramente e viver livre do que a oprimia. Esta é também a situação de muitas pessoas excluídas e oprimidas de nosso tempo que, mesmo conscientes da situação de opressão em que vivem, só poderão manter-se de pé e caminhar com autonomia na medida em que vivem relações solidárias.

Na festa de casamento em Caná da Galileia, onde falta vinho, são os serventes, os pequenos, que reconhecem o poder de Jesus; isto também lhes é revelado pelo Espírito da Verdade, pois realizam tudo o que Jesus lhes pede sem o questionar: por que a água se a necessidade é de vinho? E mais ainda por que tamanha quantidade de água (cerca de seiscentos litros)? Eles confiam em Jesus e agem como ele lhes pede. São impulsio-

nados a agir pelo Espírito, enchem as talhas, levam ao encarregado da festa que constata que já não é mais água e sim vinho e vinho de excelente qualidade.

Os serventes, os pequenos, empenham-se em participar como coatores com Jesus no processo de transformação da água em vinho, da vida sem bênção e graça, para uma vida abençoada e repleta da graça de Deus. Segundo o relato da comunidade do Discípulo Amado, Deus quer a participação de todos para que aconteça a transformação da sociedade. Não podemos ficar de braços cruzados e esperar somente por Deus.

Assim como a mulher siro-fenícia que impulsionada pelo Espírito vai até Jesus e o convence da necessidade de sua ação em favor de sua filha, Maria e os serventes também são inspirados e convencem a Jesus de transformar aquela situação de carência e constrangimento em alegria, em festa, em vida abundante.

A atitude das duas mulheres e dos serventes nos incentiva à adesão a Jesus, em total confiança e a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance: agir unidos, não calar a nossa voz e reivindicar com insistência em favor do direito à vida digna de todas as pessoas. O mesmo Espírito está conosco e sua força nos impulsiona a sermos coatores com Jesus de uma nova sociedade.

Silvia Togneri
silviatogneri@hotmail.com